



Alejandro Arnutti

Catálogo

AGO/2026

mini bio

Alejandro Arnutti (1981), nascido em Artigas-Uruguai, vive e trabalha em Uruguaiana-RS. Desde a infância, realizava desenhos in loco da vida rural no campo onde cresceu e trabalhou ao lado da família até a juventude. Em seguida, dedicou-se à pintura e à escultura e iniciou viagens por recantos rurais do interior do RS, Uruguai e Argentina.

Sua produção aborda a cultura local e o cotidiano do trabalhador campestre e evidencia como essas estâncias familiares são decisivas para preservar a biodiversidade do bioma Pampa (o mais devastado do país), bem como a cultura e as tradições do RS, oriundas da miscigenação entre o índio Charrua e o

colonizador ibérico (também tema de sua pesquisa).

Possui obras em acervos públicos das Prefeituras de Uruguaiana/RN e Quaraí/RN, e das Câmaras de Vereadores de Uruguaiana/RN e Piracicaba/SP, além de coleções particulares na Espanha, Inglaterra, EUA, Alemanha, Uruguai, Argentina, Chile e Brasil. Foi premiado em salões e editais relevantes, como o “Encuentros del Arte Contemporáneo”, em Punta del Este/Uruguai, o prêmio “Trajetórias Culturais”, do Instituto Trocando Ideia (Porto Alegre/RN), e, em 2025, recebeu o Prêmio Aquisição no LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP.

statement

Nasci, cresci e ainda vivo no Pampa. Por vezes morei do lado uruguaio (desde a infância), e outras do lado brasileiro (radicado até hoje). Muito viajei por diferentes cidades do Uruguai, Argentina e Rio Grande do Sul. E por conhecer de perto quase toda a extensão territorial deste bioma foi que sempre me interessei pela sua cultura e suas rupturas históricas.

A mais de dez milênios os Charrua e outras etnias chegavam, vindos da Patagonia, para dominar essas terras, vivendo como nômades caçadores-coletores. A chegada do colonizador ibérico trouxe a estas terras o cavalo e o gado, que se procriaram livremente; e o Charrua se transformou em um exímio cavaleiro, com habilidades únicas, e da miscigenação deste com o colonizador surge o Gaúcho.

Os sesmeiros (grandes beneficiários de terras da Coroa portuguesa) foram gradualmente tomando posse das terras antes ocupadas apenas pelos indígenas. Mas encontraram a resistência principalmente dos Charrua, o único povo nativo da região a nunca ter aceitado essa “domesticação” religiosa, cultural e territorial do colonizador, e por consequência sucessivamente foram caçados e mortos. Como resposta eles praticavam os “malones”: ataques surpresa, bem orquestrados, com a finalidade de matar inimigos, roubar seu gado e suas esposas brancas, e tudo mais que conseguissem carregar.

Com o tempo e a implantação das cercas de arame farpado, que impediam a livre circulação no Pampa, os gaúchos, que antes tinham uma vida semelhante à do Charrua, se vem obrigados

a passar a trabalhar para os sesmeiros para assim continuar vivendo no campo, e com isso passam a ser chamados de “paisanos”.

Porém hoje os peões das estâncias isoladas nos interiores do Pampa são o último vestígio vivo de muitos costumes dos gaúchos e dos Charrua. São a essas localidades que eu busco visitar periodicamente para acompanhar, registrar e pintar seus ritos cotidianos, vividos longe da família e dos confortos urbanos. Essas propriedades também desempenham papel crucial na conservação da biodiversidade do Pampa, ao praticarem pecuária extensiva em campos nativos, modelo ecologicamente sustentável que, ao contrário de outros estados, não exige desmatamento nem amplia emissões de carbono.

Série “o Pampa costurado com arame farpado”

Os peões de estância são hoje o último vestígio vivo de muitos costumes dos gaúchos e dos Charrua. São a essas estâncias isoladas que Alejandro retorna para acompanhar, registrar e pintar seus ritos cotidianos, vividos longe da família e dos confortos urbanos. Essas propriedades também desempenham papel crucial na conservação da biodiversidade do Pampa, ao praticarem pecuária extensiva em campos nativos, modelo ecologicamente sustentável que, ao contrário de outras regiões, não exige desmatamento nem amplia emissões de carbono.

A técnica empregada nas obras desta série partem da assemblagem e se estruturam por meio da sobreposição e do diálogo entre fotografia, pintura e elementos materiais diretamente associados à paisagem cultural do Pampa. O processo tem início com uma fotografia de autoria de Alejandro Arnutti, impressa em FineArt sobre canvas e posteriormente tensionada sobre um chassi também concebido e construído pelo artista. Seus formatos deliberadamente atípicos rompem com a estrutura convencional da pintura e da fotografia para estabelecer uma relação direta com a composição da imagem. Sobre as superfícies fotográficas são fixadas ripas de madeira de cedrinho, com espessura e perfurações semelhantes às das tramas tradicionalmente utilizadas nas cercas dos campos e das estâncias. Dessa forma, a cerca deixa de existir apenas como elemento representado e passa a ocupar fisicamente o espaço da obra: aquilo que pertence à paisagem atravessa o campo da imagem para tornar-se matéria, volume, textura e presença.

As ripas são parcialmente trabalhadas com pintura a óleo, recuperando fragmentos da fotografia encoberta pela madeira. A pintura, entretanto, não recompõe integralmente a imagem subjacente. Essa continuidade propositalmente incompleta estabelece uma tensão entre representação e matéria, visibilidade e ocultamento, permanência e interrupção. Na etapa final, Alejandro incorpora fragmentos de arame farpado provenientes de antigas cercas de estâncias. Expostos durante anos ao tempo e às transformações da paisagem, esses materiais carregam em sua ferrugem não apenas as marcas do envelhecimento, mas vestígios da história das estâncias, da ocupação territorial, do bioma Pampa e da própria formação da cultura gaúcha.

Nas obras desta série, a cerca de arame farpado assume também uma dimensão simbólica. Enquanto estrutura criada para delimitar territórios e determinar aquilo que pode ou não atravessar, ela representa controle, fronteira e contenção. É contra esse limite que a pintura parece se insurgir: fragmentos da imagem conseguem simbolicamente “atravessar” a barreira e alcançar a superfície da madeira, enquanto outros permanecem interrompidos. Ao mesmo tempo, Alejandro preserva áreas da madeira sem pintura, permitindo que seus veios, cores, irregularidades e texturas permaneçam visíveis e atuem como parte da composição. O suporte deixa de ser passivo e passa a compartilhar o protagonismo com a fotografia e a pintura.

Dentro da pesquisa desenvolvida pelo artista, essa aproximação entre materiais de naturezas distintas — e aparentemente opostas — ocupa uma posição central. A delicadeza e a precisão da impressão FineArt e da pintura a óleo convivem com a rusticidade da madeira, a oxidação do metal e a agressividade visual do arame farpado retirado das antigas cercas. É nesse contraste que a obra encontra parte de sua potência: o refinamento da imagem convive com a aspereza da matéria; a fotografia encontra o objeto; a pintura encontra a ferrugem; e a representação da paisagem encontra fragmentos físicos dessa mesma paisagem.

Depoimento sobre a obra “Entre a tesoura e o Latido Amigo”

Na cena, o capataz Roberto Braga realiza a esquila a martelo — técnica tradicional, feita à moda antiga — de uma das ovelhas que serão carneadas para alimentar os peões durante a yerra do dia seguinte. A yerra constitui um dos momentos mais significativos da vida nas estâncias do Pampa, quando trabalhadores se reúnem para concentrar o rebanho e realizar atividades como a marcação e a castração dos terneiros. Ao registrar esse instante, Alejandro direciona o olhar não apenas para o trabalho, mas para os vínculos que atravessam a vida no campo. Roberto não está sozinho: seu cão permanece próximo, atento aos seus movimentos, como habitualmente ocorre nas jornadas pelos campos. Sua presença silenciosa revela uma relação construída pela convivência diária e transforma a cena em um testemunho sobre trabalho, tradição e companheirismo na cultura do Pampa.

Alejandro Arnutti

Entre a Tesoura e o Latido Amigo

2026

[série *o Pampa costurado com arame farpado*]

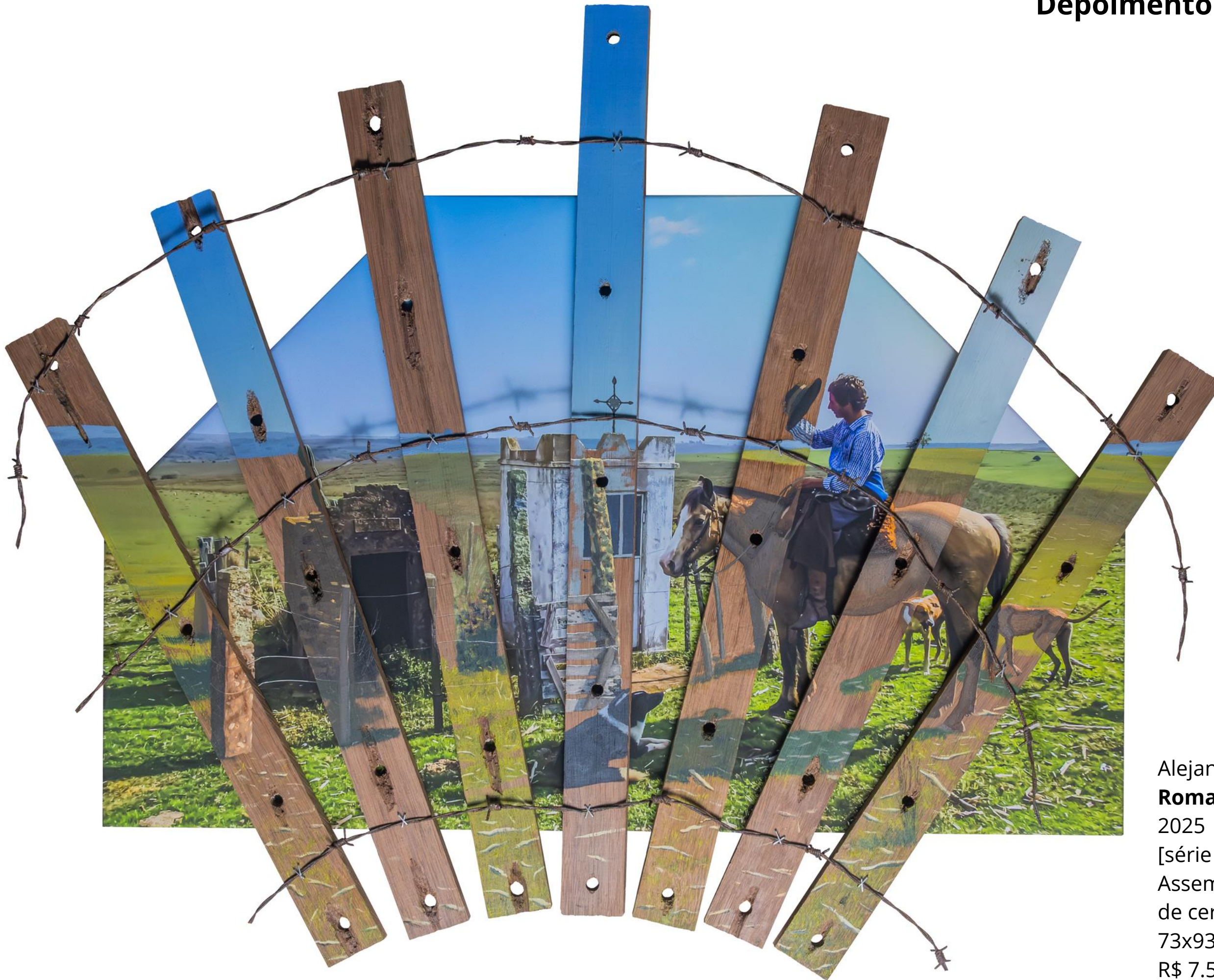
Assemblagem: impressão em Fine Art sobre tela, pedaços de madeira parcialmente pintados com tinta a óleo e arame farpado.

65x82x4,5 cm

R\$ 7.500,00

Depoimento sobre a obra “Romaria de Um Só Chapéu”

Seu Maurício havia ido buscar seus cavalos e potrilhos em outro campo, conduzindo-os até a mangueira para a castração e a carneada. No caminho, junto à estrada de chão batido, repousa um pequeno cemitério de campanha. Diante das antigas sepulturas, ele interrompe o trajeto e se aproxima para reverenciar aqueles que ali descansam. Não sabe ao certo quem foram, mas reconhece neles pessoas que, provavelmente, fizeram parte da vida de seus antepassados e compartilharam com eles o trabalho no campo, em um tempo em que, especialmente durante as yerras, vizinhos de diferentes estâncias se reuniam em ajuda mútua. Nesse gesto simples, memória e respeito atravessam gerações. Mesmo sem conhecer seus nomes ou suas histórias, Seu Maurício reconhece naqueles mortos uma ancestralidade compartilhada e, retirando o chapéu, presta-lhes sua reverência. É nesse instante silencioso que Alejandro registra a cena: o homem a cavalo diante das sepulturas, enquanto seus cães guardiões o acompanham e também encontram, nessa breve interrupção da jornada, um momento de descanso.



Alejandro Arnutti

Romaria de Um Só Chapéu

2025

[série *o Pampa costurado com arame farpado*]

Assemblagem (impressão em Fine Art sobre tela, pedaços de madeira de cerca parcialmente pintados com tinta a óleo, arame farpado)

73x93x4,5 cm

R\$ 7.500,00

Depoimento sobre a obra **Ofício na Mão, Causo na Boca**



Ao final de uma tarde de laçadas na yerra de domingo, Seu Elias remenda o laço que não resistiu ao violento coice de um bezerro. Enquanto suas mãos reconstroem a ferramenta de trabalho, ele relembra o dia em que recebeu o coice de um boi e passou semanas arrastando a perna. Ao seu lado, Richard, amigo e companheiro de lida, responde à lembrança com gargalhadas. Entre causos, trabalho e memória, Alejandro registra uma intimidade própria da vida no campo. A cena revela também uma dimensão recorrente na vida dos homens que habitam as estâncias: uma espécie de solidão compartilhada. Em meio à imensidão do Pampa, a amizade e a convivência cotidiana tornam-se formas silenciosas de pertencimento. Juntos, esses homens dividem não apenas o trabalho e suas dificuldades, mas histórias, afetos e memórias que fazem da vastidão do território um lugar menos solitário.

Alejandro Arnutti

Ofício na Mão, Causo na Boca

2025

[série *o Pampa costurado com arame farpado*]

Assemblagem (impressão em Fine Art sobre tela, pedaços de madeira de cerca parcialmente pintados com tinta a óleo, arame farpado)

67x85x4,5 cm

R\$ 7.500,00

Depoimento sobre a obra “Um Charrua Ainda Vivo”

Elso, retratado na obra, é um dos raros descendentes Charrua ainda vivos no sul do Brasil e um dos últimos com domínio parcial de sua língua — herança de um território que já lhes pertenceu em todo o Pampa.

O retrato transforma seu corpo em mundo: um território vivo onde história e memória se movem. No braço direito, a cavalaria imperial avança em espiral, deixando cercas que marcam a expropriação das terras indígenas. No abdômen, um “malón” irrompe — guerreiros deitados sobre os cavalos, lanças rente ao chão, em defesa do próprio chão.

A obra é emoldurada por arames farpados de antigas estâncias. Enferrujados pelo tempo, carregam a memória de um limite imposto: o que antes restringia a liberdade dos Charrua agora confina sua existência ao espaço da tela.



Alejandro Arnutti

Um Charrua ainda vivo, 2025

[série *O que restou dos Charrua?*]

Assemblagem (óleo sobre tela e arame farpado), 130 x 90 cm

R\$ 10.080,00



Alejandro Arnutti
Um Charrua ainda vivo
detalhe



Alejandro Arnutti

**A MAJESTOSA NATUREZA
VENHO SE EXIBIR OU SE
VINGAR?**

2025

[série *O que restou dos
Charrua?*]

Óleo sobre tela

90 x 150 cm

R\$ 14.175,00

Depoimento sobre a obra “A Majestosa Natureza Venho se Exibir ou se Vingar?”

Nos tempos da colonização os índios Charrua não ficavam inertes ao roubo de suas terras e a morte dos seus por parte dos colonizadores espanhóis e portugueses, e como vingança executavam os chamados “Malones”: ataques surpresa com o objetivo principal de matar seus inimigos, roubar seu gado e as mulheres brancas, assim como tudo o mais que pudessem carregar.

Esses ataques eram feitos a estâncias, vilarejos e cidades, e eram planejados explorando o efeito surpresa, e uma das formas de fazer isso era explorando a neblina das cerrações das manhãs de inverno onde cavalgavam deitados na lateral do cavalo de forma a esconder seu corpo dos colonizadores, e carregando suas lanças rente ao chão para não serem vistas. Assim eles faziam pensar aos colonizadores que se tratava apenas de uma manada de cavalos selvagens cavalgando livremente, até que, quando se aproximavam o suficiente, estes endereçavam para o ataque.

Por isso a cena representada na obra é a visão que o colonizador tinha da chegada do “malon”, e como não conseguia ver os índios nos cavalos, mas sim apenas uma belíssima cena proporcionada pela natureza, eles se perguntavam se aquilo era um presente ou um ataque, e de forma geral esta era a ultima visão que esses colonizadores tinham em vida: um ataque fantasiado de presente.



Alejandro Arnutti

EL MALÓN

2026

óleo sobre tela

34 x 150 cm

R\$ 5.500,00

Depoimento sobre a obra “El Malón”

Nos tempos da colonização os índios Charrua não ficavam inertes ao roubo de suas terras e a morte dos seus por parte dos colonizadores espanhóis e portugueses, e como vingança executavam os chamados “Malones”: ataques surpresa com o objetivo principal de matar seus inimigos, roubar seu gado e as mulheres brancas, assim como tudo o mais que pudessem carregar.

Esses ataques eram feitos a estâncias, vilarejos e cidades, e eram planejados explorando o efeito surpresa, e uma das formas de fazer isso era explorando a vegetação alta onde cavalgavam deitados na lateral do cavalo de forma a esconder seu corpo dos colonizadores, e carregando suas lanças rente ao chão para não serem vistas. A própria poeira levantada pelas patas dos cavalos ajudava nessa camuflagem. Assim eles faziam pensar aos colonizadores que se tratava apenas de uma manada de cavalos selvagens cavalgando livremente, até que, quando se aproximavam o suficiente, estes endereçavam para o ataque.

Por isso a cena representada na obra é a visão que o colonizador tinha da chegada do “malon”, e como não conseguia ver os índios nos cavalos, mas sim apenas uma belíssima cena proporcionada pela natureza, eles se perguntavam se aquilo era um presente ou um ataque, e de forma geral esta era a última visão que esses colonizadores tinham em vida: um ataque fantasiado de presente.

Depoimento sobre a obra “Imagem Captada por Armadilha Fotográfica no Rincón de los Yaguari”

O “Rincón de los Yaguari” é uma estância localizada no município de Rivera, no Uruguai, onde são preservadas as tradições de manejo do gado na pastagem nativa do Pampa, preservando assim a biodiversidade deste bioma, além de preservarem tradições e costumes da cultura Gaúcha.

Na cena captada pela lente de Alejandro mostra Lê e Seu Mauricio conversando a beira do açude na pausa para refrescar o cavalo. Lê pergunta sobre quem comprou a estância do lado e transformou numa floresta de eucalipto.

A obra tem toques surrealistas, como os reflexos que não coincidem, e o “gato palheiro” montado no lombo do cavalo. Ele é o felino mais ameaçado de extinção do mundo, endêmico ao Pampa. Sua amizade com esses gaúchos provém do fato deles trabalharem um manejo do gado que preserva a mata nativa do bioma Pampa, e assim também ajudam a preservar os poucos gatos palheiros que restam.

Alejandro Arnutti

**IMAGEM CAPTADA POR ARMADILHA FOTOGRÁFICA
NO RINCÓN DE LOS YAGUARI**

2024

óleo sobre tela, 50 x 50 cm

R\$ 2.625,00

Depoimento sobre a obra “La Garra Charrua en el Masacre de Salsipuedes”

Adriano da Silva, retratado na obra, é cacique de uma das raras comunidades Charrua ainda presentes em Uruguai (RS). Sua figura aparece decapitada e com a orelha decepada — destino imposto a muitos de seus antepassados — e assume a forma de uma bola da Copa de 1930.

A imagem dialoga com o mito da “garra Charrua”, frequentemente evocada para explicar a força histórica do futebol uruguaio, país onde essa herança é celebrada, embora seus descendentes quase não existam mais. No início do século XIX, o governo uruguaio, sob Fructuoso Rivera, promoveu o extermínio desse povo no episódio conhecido como Massacre de Salsipuedes: uma emboscada que assassinou lideranças e escravizou sobreviventes.

Os poucos que escaparam fugiram para o Brasil e a Argentina, onde seguiram perseguidos. Muitos foram mortos por caçadores a serviço de estancieiros, que recebiam recompensas ao apresentar orelhas de Charrua como prova.

Alejandro Arnutti

LA GARRA CHARRUA DEL MASACRE DE SALSIPUEDES

2025

[série *O que restou dos Charrua?*]

Óleo sobre tela, 60 x 60 cm

R\$ 2.625,00



Depoimento sobre a obra “Recanto Solitário de um Capataz”

A série nasce das viagens de Alejandro a estâncias longínquas no interior do Pampa, onde acompanha o cotidiano solitário de paisanos — capatazes e peões que permanecem longos períodos isolados, reencontrando suas famílias apenas ocasionalmente. Em resistência à crescente padronização dos modos de vida, esses homens preservam hábitos, saberes e costumes profundamente vinculados ao território. Seus descendentes, entretanto, raramente escolhem seguir o mesmo caminho, apontando para o gradual desaparecimento dessa forma de viver e, com ela, de parte da cultura do Pampa.

Nesta obra, Alejandro desloca o olhar do homem para o espaço íntimo que ele habita. O quarto pertence a um capataz — posição de liderança na hierarquia da estância — que, apesar de sua autoridade no trabalho, dorme sozinho em uma cama de solteiro, distante da esposa, que reencontra nos finais de semana quando retorna à cidade. O ambiente torna visível uma solidão que não precisa da figura humana para ser percebida

A cena, inicialmente registrada pela fotografia e posteriormente transposta para a pintura, revela pequenos vestígios dessa existência: o almanaque que marca a passagem dos dias, as toalhas usadas, o porta-óculos e os objetos de higiene sobre um criado-mudo desgastado, com gavetas quebradas. Até o carregador de celular, permanentemente conectado para o uso noturno, integra essa cartografia íntima. São objetos banais que, reunidos, tornam-se testemunhos silenciosos da espera, da distância e da passagem do tempo na solidão do Pampa.

Alejandro Arnutti

RECANTO SOLITÁRIO DE UM CAPATAZ, 2025

[série *A solidão da imensidão*]

Óleo sobre tela, 120 x 80 cm

R\$ 10.080,00

Depoimento sobre a obra “Recanto Solitário de um Paisano”

Nesta obra, o olhar se desloca novamente para a intimidade de um capataz, revelada não por sua presença, mas pelos vestígios de sua rotina. O banheiro, espaço essencialmente privado, expõe a simplicidade e a precariedade de uma existência conduzida quase sempre sozinho. A escova de dentes já desgastada, o frasco de condicionador vazio há tempos, o pente e a esponja envelhecidos, assim como a pia e o espelho marcados pelo uso, tornam-se indícios silenciosos dessa condição.

Ao transformar esse ambiente cotidiano em pintura, Alejandro retira esses objetos de sua aparente banalidade e os converte em testemunhos de uma vida. A ausência da figura humana torna-se, paradoxalmente, sua presença: é através daquilo que permanece — gasto, usado, esquecido — que a obra constrói o retrato íntimo de um homem e da solidão que atravessa sua existência no Pampa.

Alejandro Arnutti

RECANTO SOLITÁRIO DE UM PAISANO, 2026

[série *A solidão da imensidão*]

Óleo sobre tela, 120 x 80 cm

R\$ 10.080,00



Depoimento sobre a obra “Recanto Solitário de um Paisano 2”

Nesta obra, a cozinha revela uma existência marcada pela simplicidade e pelo essencial. Poucos objetos compõem o espaço: uma jarra elétrica, uma térmica e uma boa cuia de mate. Não há excessos; cada elemento responde diretamente às necessidades de quem habita aquele lugar. A austeridade do ambiente torna-se, assim, um retrato silencioso do próprio modo de vida no interior das estâncias.

Ao final da jornada, o capataz encontra nesse espaço um de seus poucos momentos de pausa. Sentado próximo ao fogo da lareira, prepara o mate amargo enquanto escuta as notícias pelo rádio. Entre o silêncio do campo e as vozes que chegam de longe, Alejandro constrói uma cena sobre solidão e permanência, na qual pequenos rituais cotidianos — o fogo, o rádio e o mate — tornam-se formas de companhia diante da imensidão do Pampa.

Alejandro Arnutti

RECANTO SOLITÁRIO DE UM PAISANO 2, 2026

[série *A solidão da imensidão*]

Óleo sobre tela, 120 x 80 cm

R\$ 10.080,00



Alejandro Arnutti
EL ENTREVERO
2026
óleo sobre tela
144 x 263,5 cm
R\$ 40.000,00



Alejandro Arnutti
EL ENTREVERO
detalhe



Alejandro Arnutti
EL ENTREVERO
detalhe

Depoimento sobre a obra “El Entrevero”

A imagem que dá origem a esta obra parte de uma fotografia realizada por Alejandro durante o entrevero das tropilhas entabladas na Fiesta de la Tradición, no Parque Criollo, em San Antonio de Areco, Argentina. No registro original, porém, o céu não apresentava a monumentalidade das nuvens que domina a pintura, e a poeira levantada pelos cavalos era consideravelmente menor.

Essas transformações integram a licença poética do artista. Ao ampliar a escala das nuvens e intensificar a presença da poeira, Alejandro não busca reproduzir literalmente aquilo que a câmera registrou, mas aproximar a pintura da experiência sensorial vivida diante do entrevero: o movimento, a força dos animais, a atmosfera e a dimensão quase épica da cena.

A obra revela, assim, um princípio central de sua pesquisa pictórica: dominar a representação da realidade para, posteriormente, ultrapassá-la. Depois de aprender a reproduzir aquilo que vê, o artista passa a expandir o visível por meio de distorções e exageros sutis, incorporados à imagem sem romper sua verossimilhança. Mais do que copiar o real, sua busca está em potencializá-lo — fazer com que a pintura pareça verdadeira, mesmo quando aquilo que vemos nunca existiu exatamente daquela maneira.



Espelho do Açude

2020

[série *Pampa além
fronteiras*]

óleo sobre tela

125 x 125 cm

R\$ 16.500,00



Depoimento sobre a obra “Onde Tudo é Reflexo”

Estas são duas imagens da mesma obra, com a diferença de uma estar invertida. Isso porque esta obra funciona das duas formas devido a que ambas as imagens (acima e abaixo da linha do horizonte) são reflexos.

Onde Tudo é Reflexo

2025

[série *Pampa além fronteiras*]

óleo sobre tela

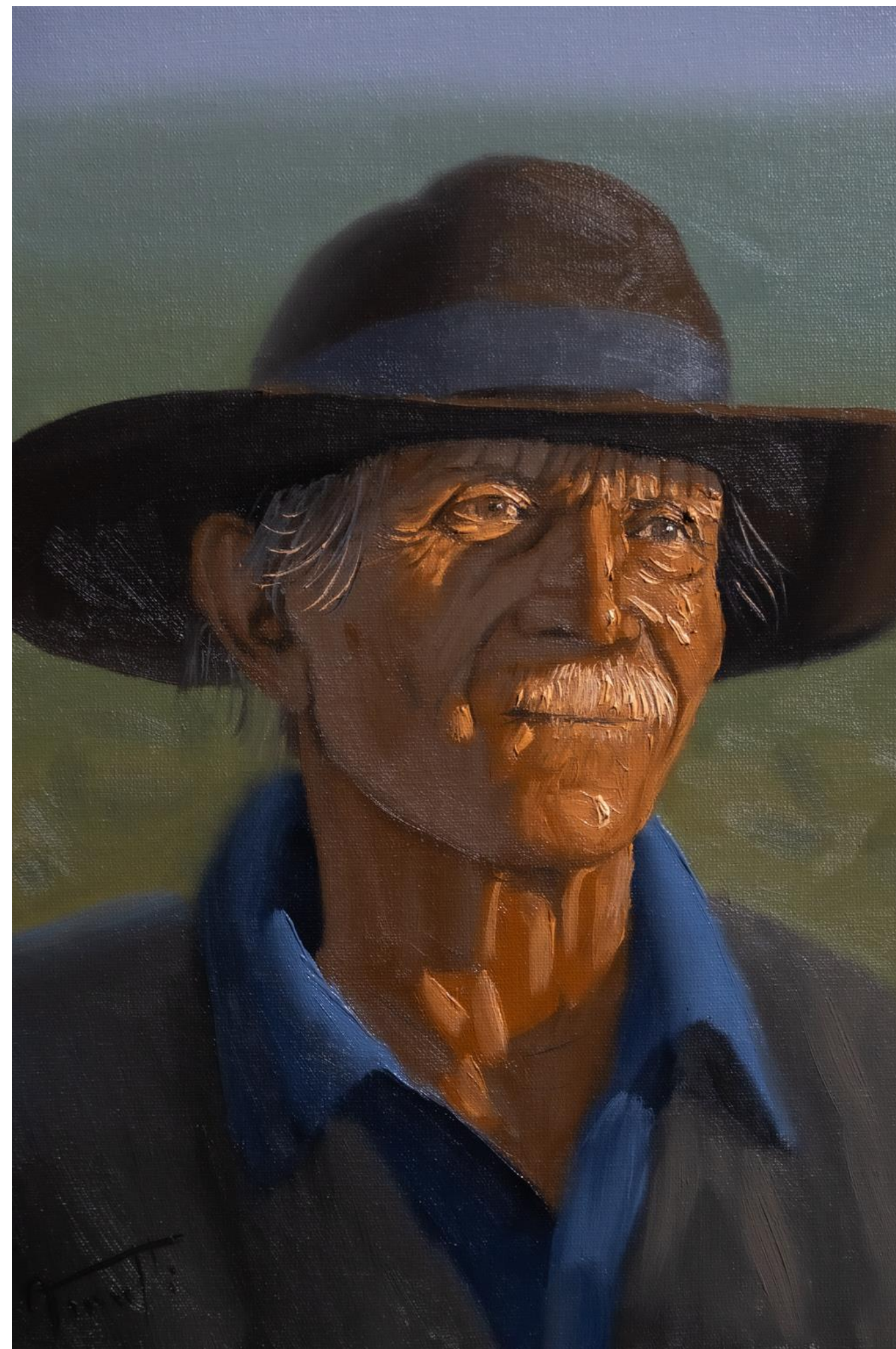
150 x 75 cm

R\$ 8.750,00



Preparando o ensopado

2026
óleo sobre tela
30x20 cm
R\$ 1.200,00



Paisano

2026
óleo sobre tela
30x20 cm
R\$ 1.200,00



A ternura do terneiro

2026

óleo sobre tela

20x30 cm

R\$ 1.200,00

**Colorado**

2026

óleo sobre tela

20x30 cm

R\$ 1.200,00

**Hereford**

2026

óleo sobre tela

20x30 cm

R\$ 1.200,00



Olhar inocente

2026

óleo sobre tela

20x30 cm

R\$ 1.200,00



Colorado listrado

2026

óleo sobre tela

30x20 cm

R\$ 1.200,00

Na obra de Alejandro Arnutti, paisagem nunca é cenário.

O Pampa surge como presença viva — um território que guarda modos de existir, gestos cotidianos, memórias coletivas e formas de pertencimento que atravessam gerações.

Sua pintura nasce da observação atenta do Sul e da relação profunda entre corpo e paisagem. O horizonte aberto, a figura do peão, os animais, os ritmos do campo e a atmosfera do território aparecem como linguagem para falar de algo maior: identidade.

Em suas obras, o humano não ocupa a natureza.

Ele pertence a ela.

Alejandro constrói imagens onde o tempo parece desacelerar. Existe silêncio, permanência e uma atenção delicada àquilo que resiste às transformações do mundo contemporâneo. O campo deixa de ser geografia e torna-se memória compartilhada.

Dentro de Mente & Coração, seu trabalho ocupa o momento em que o visitante reencontra suas origens — compreendendo que identidade não é algo fixo, mas um vínculo contínuo entre lugar, experiência e imaginação.

Porque todo território verdadeiro continua existindo dentro de quem o carrega.

E talvez seja isso que chamamos de pertencimento.

Davi dos Anjos

Curador

2026

... Eis que desponta entre nós, o pintor Alejandro Arnutti.

Em minha casa, ostento seu painel “Tropa estrada afora”. Ele encanta eventuais visitantes. Sente-se a poeira no ar e o galope dos potros, tal o perfeccionismo. É ele o pintor que nos faltava para nos reafirmar no plano pictórico. Em sua obra aflora essa magnífica identidade cultural que envolve e aproxima o gaúcho uruguaio e o gaúcho do pampa brasileiro, como realidades humanas indivisíveis. Digo, com tintas leves, que o Rio Grande é um Uruguai que fala português.

De sua arte, deixai-me que diga: seus cavalos nas aguadas, bebendo a luz do entardecer, são de atordoante beleza lírica. O rosto de nossos velhos gaúchos, onde o tempo traça as trilhas, retratando as melenas orvalhadas dos campeiros. São obras de sentir o vento pousando sobre o rosto e o tempo moldando feições contundentes, heroicas, cotidianas, emblemáticas.

Os cavalos, de variadas pelagens, por sua arte preciosista, sabem captar o retouço das crinas balanceadas pelo vento. E são antigas senhoras, apaziguadas pela ternura, que lhe põem no colo a branca, macia e inocente ternura das ovelhas. Borregos, mugindo entre as molduras das porteiras das velhas mangueiras. A tosa, o carnear, testemunhados com mão precisa e o dom mágico da revelação do real em sínteses absolutas.

E o que dizer das tropas de gado e cavalcadas! Elas levantam poeira e surpresa, num deslumbre inusitado. E alcançam vastidões de encantamento que somente um grande artista pode provocar. Seus laçadores nos enlaçam, e nos quedamos presos à graça dessas obras magníficas, oportunas e necessárias.

Estejamos com ele, nas expressões vivas de sua arte.

O Rio Grande ganhou um prêmio, recebeu o legado de um belo patrimônio artístico, foi agraciado com um reflexivo espelho, onde nossa alma se reflete. Sobre a obra de Alejandro Arnutti, podemos dizer que hoje o seu trabalho assegura a sua presença na galeria dos grandes pintores de nossa temática gaúcha. Foi uma honra inusitada adornar essa obra com textos de rodapé, modestos pedestais ao seu múltiplo trabalho criativo.

Em Alejandro Arnutti, temos o olhar perceptivo a captar a forma exata da composição. Uma visão do movimento apreendido em suas variantes no espaço e no tempo. Uma sensibilidade aguçada em relação às cores, onde o real e o imaginário correm de rédea solta pelos campos de sua arte. As variadas nuances do Pampa transbordam de seus pincéis.

Assim vejo.

Assim penso.

Assim sinto a obra de Alejandro Arnutti

Luiz Coronel

escritor

2022

currículo

Alejandro Arnutti

[Artigas/Uruguai, 1981 - Vive e trabalha em Uruguaiana/RS - Brasil]

Exposições Individuais Seleccionadas

2026 - “Memórias do Pampa” - Cur. Davi dos Anjos - CASACOR-RS, Porto Alegre/RS-Brasil

2022 – "Estância da Arte" – Cur. Marciano Schmitz - EXPOINTER, Esteio/RS-Brasil

2018 – "Pampa Além Fronteiras" – Cur. Sergio Rojas - Memorial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS-Brasil

2017 – “A Gênese do Pampa” - EXPOINTER – Esteio/RS-Brasil

2016 – “Galpón Criollo”- La Barra - Punta Del Este/Maldonado – Uruguai

2014 – “Recuerdos del Pampa” - Cur. Alberto Alari - ALARTE, Montevideu, Uruguai

Exposições Coletivas Seleccionadas

2025 - “LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba” - Pinacoteca Miguel Dutra - Piracicaba/SP

2013 – “Expo Punta Arte” Cur. Darwin Parodi - Punta del Este/Maldonado -Uruguai

2013 – Mostra 100 x 100 - Cur. Gladys Mabel Cantelmi - Salerno/Italia

2011 - “Bienio del Bicentenario del Rio de la Plata” - Cur. Elena Ruiz Montelongo - Consulado Argentino em Colonia del Sacramento/Uruguai

Cursos Ministrados pelo Artista

2026 - Palestra de apresentação do curso on-line “Composição Visual na Prática” para alunos da Escola NANO de Arte e Mercado

2022 - “Workshop de desenho e escultura de figura humana” em escolas municipais em Novo Hamburgo/RS

2012 a 2019 - “Oficina de Desenho e Pintura” ELBA (Escola Livre de Belas Artes) - Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Uruguaiana/RS

Obras em Acervos Públicos

2025 - Acervo da Câmara de Vereadores de Piracicaba/SP

2024 - Acervo da Câmara de Vereadores de Uruguaiana/RS (Galeria de Ex-presidentes)

2023 - Acervo da Prefeitura Municipal de Quaraí/RS (Galeria de Ex-prefeitos)

2022 - Acervo da Prefeitura Municipal de Uruguaiana/RS (Galeria de Ex-prefeitos)

2015 - Acervo da Prefeitura Municipal de Uruguaiana/RS

Prêmios Seleccionados

2025 - “Prêmio Aquisitivo” LXX Salão de Belas Artes de Piracicaba/SP.

2021 - "Prêmio Trajetórias Culturais" - Instituto Trocando Ideia, Porto Alegre/RS, Brasil.

2019 - “Destaque na área Arte” - Rotary Club Cruzeiro do Sul

2013 - Primer Prêmio – “Encuentros del Arte Contemporáneo”, Punta del Este/Uruguai.

Publicações Importantes

2026 - Capa do Jornal Cidade: “Uruguaiana ganha novo mural de arte urbana” - Uruguaiana/RS

2023 – Entrevista no programa Jornal do Almoço da emissora RBSTV afiliada TV GLOBO

2022 – Comercial na emissora RBSTV, afiliada REDE GLOBO

2018 – Jornal “Zero Hora”, Porto Alegre/RS – Brasil

2018 - Comercial "Arte" da RBSTV (afiliada TV GLOBO e no Globo Play)

Projetos Especiais

2026 - Mural “Avante Farroupilhas” - Uruguaiana/RS

2024 - Jurado do “5º Salão Regional de Artes Plásticas” - Arroio Grande/RS

2015 - Mural “Retomada de Uruguaiana na guerra do Paraguai” - Salão Nobre da Prefeitura Municipal de Uruguaiana/RS

2013 - Mural “Domingo na praça” - Teatro Rosalina Pandolfo Lisboa - Uruguaiana/RS



Alejandro Arnutti

alejandroarnutti1@gmail.com

+55 (55) 99918-9712

@alejandroarnutti

www.alejandroarnutti.com